

REZADEIRAS DA PARAÍBA: ETNOGRAFIA DE UMA CRENÇA ENRAIZADA

HEALERS FROM PARAÍBA: ETHNOGRAPHY OF A ROOTED BELIEF

Érica Caldas Silva Oliveira¹
 Cybelle Rodrigues Fidélis²
 Everaldo Oliveira Costa Júnior³
 Uthant Saturnino Silva⁴
 Karla Patrícia Oliveira Luna⁵

RESUMO

A busca pelo restabelecimento da saúde através das rezas remonta tempos longínquos e se faz presente até os dias atuais. Essa prática configura-se como alternativa de tratamento e encontra-se inserida na chamada medicina popular. Neste trabalho, objetivou-se realizar uma análise de representações e significações de práticas de rezas e benzeduras por mulheres paraibanas, relacionando-as a suas vivências de rezadeira/benedeira. O trabalho está estruturado da seguinte forma: uma primeira parte, em que se expõem elementos que contextualizam a temática abordada; e uma segunda que traz a discussão para o âmbito das rezadeiras entrevistadas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, caracterizando-se como um estudo exploratório, descritivo, de caráter transversal. Para a coleta de dados, ocorrida entre 2002 e 2008, foram realizadas entrevistas livres e em um segundo momento a aplicação de questionários semiestruturados. Através dos resultados alcançados, observa-se que o universo das rezadeiras é rico em simbologias e ritos culturais, suas falas atravessaram o tempo e revelaram em seus gestos e súplicas faces da cultura imaterial brasileira.

Palavras-chave: Crenças. Cultura imaterial. Registro etnográfico. Rezas. Rituais.

ABSTRACT

The search for the restoration of health through prayers remounts to faraway times and it is present nowadays, becoming an alternative of treatment, inserted in the so called "popular medicine". In this work, we aimed to analyze representations and significations of pray practices and bless by woman in Paraíba State, Brazil, relating those practices to their life experiences. The work was structured as follows: first part, exposition of

Submissão: 05/02/2019
 Aprovação: 04/07/2019

¹ Doutora em Recursos Naturais em Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9611099711590583>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4496-4613>. E-mail: erica.caldas_8@hotmail.com.

² Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1632314318126056>. E-mail: rodriguescybelle@hotmail.com.

³ Graduado em Ecologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6189530556485344>. E-mail: oliveirajr_30@hotmail.com.

⁴ Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduação em Arquivologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2975438847665578>. E-mail: uthant-@hotmail.com.

⁵ Doutora em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Graduada em Ciências Biológicas (UNICAP). Professora da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3043580578707915>. E-mail: kcpadua@yahoo.com.br.

elements contextualizing the thematic; the second part brings the discussion on the prayers – rezadeiras – themselves. This is a qualitative research, characterized as an exploratory study, descriptive and transversal study. For the data collection, between 2002 and 2008, free interviews were used, and, in a second moment, semi structured questionnaires were carried out. Through the results achieved, it is observed that the universe of the rezadeiras is rich in symbology and cultural rites, their lines crossed the time and revealed in their gestures and supplications faces of Brazilian immaterial culture.

Keywords: Beliefs. Immaterial culture. Ethnographic record. Prayers. Ritual.

1 INTRODUÇÃO

O sincretismo religioso e a interação entre diferentes culturas abriram as portas de uma religiosidade múltipla, reagrupada de acordo com Sanchi (2001) em subcampos que se aproximam ou se distanciam, configurando-se para a realidade brasileira como expressões do cristianismo católico e do universo das religiões de matrizes africanas. Contudo, Brandão (1986 *apud* CUNHA; ASSUNÇÃO, 2017) vai dizer que estes *habitus* populares sofrem influências do trabalho cultural e religioso de grupos eclesiais, agentes ibéricos, afro-brasileiros e mais recentemente de espíritas kardecistas.

A evolução social do povo brasileiro, cuja formação ao longo da história caracteriza-se por uma forte diversidade cultural, contribuiu de maneira significativa para a construção desta vasta herança, representada em múltiplos elementos da cultura nacional, rico legado histórico e memória imaterial ainda marcante nas sociedades atuais. Nesse contexto, os rituais de rezas e benzeduras se inserem como práticas alternativas de tratamento de problemas físicos e espirituais, fortemente presentes na medicina popular em algumas regiões do Brasil, com especial referência para o Nordeste brasileiro (OLIVEIRA; TROVÃO, 2009; OLIVEIRA, 1983).

O ofício de rezadeira encontra-se vinculado ao conjunto de práticas culturais dentro do catolicismo popular, muitas vezes ignorado pelo clero oficial (OLIVEIRA; TROVÃO, 2009; SANTOS, 2009). Contudo, através de súplicas e rezas por vezes inaudíveis, as rezadeiras atravessaram os tempos balançando seus ramos, costurando seus tecidos, amarrando seus cordões, afastando os males do corpo e da alma que afligem aqueles que as procuram.

A figura do rezador, em muitos mosaicos culturais brasileiros, revela o quanto estes povos encontram-se envolvidos com rituais que representam o universo do sagrado e do simbólico, e através dos sentidos atribuídos às situações e aos símbolos que o cercam, os atores sociais constroem seu mundo social, suas identidades culturais. (QUEIROZ, 1980; QUINTANA, 1999).

Rituais de rezas e benzeduras encontram-se associados quase sempre ao gênero feminino e são apreendidos através de ensinamentos passados na maioria das vezes por familiares (OLIVEIRA; TROVÃO, 2009; SILVEIRA; ALBUQUERQUE, 2015). Autores como Cascudo (2001) e Quintana (1999) registram em suas pesquisas que as rezadeiras, em geral, são mulheres com idade avançada e é justamente esse fato que lhes confere credibilidade no ofício da reza. Para poder obter um reconhecimento social, estas terapeutas devem ter uma idade que garanta, ao seu grupo, um certo saber, devem ser a voz da experiência. Mesmo em casos onde a aptidão para a reza se manifeste antecipadamente, o verdadeiro reconhecimento por parte da comunidade só virá com o aumento da idade (QUINTANA, 1999).

Convém lembrar que o ofício das rezas, de acordo com Mello (2013), é percebido como sendo um dom natural, e não uma mera opção. Tal prerrogativa pode acompanhar a benzedeira desde seu nascimento ou desenvolver-se durante sua vida, juntamente ao ensino da reza ou no surgimento e enfrentamento de alguma forma de doença ou “atrapalhos” (MELLO, 2013).

Tomando como base o registro etnográfico, este trabalho teve por objetivos principais realizar uma análise de representações e significações de práticas de rezas por rezadeiras paraibanas, relacionando-as a suas vivências e práticas ritualísticas.

2 ESTADO DA ARTE

Esta pesquisa é fruto de um longo estudo que vem sendo desenvolvido desde o início dos anos 2000, vinculada a dois grupos de estudo: Núcleo de Estudos em Etnobiologia, Etnoecologia e Gestão Ambiental e Grupo de Estudos e Complexidade da Vida (Departamento de Biologia da Universidade Estadual da Paraíba).

Resultados desta pesquisa já foram publicados em artigos e trabalhos foram apresentados em congressos na área objeto da pesquisa. Ainda neste período duas monografias foram realizadas, sendo uma de conclusão de curso de graduação e outra de pós-graduação *lato sensu*.

O despertar desta pesquisa é também resultado de uma busca por compreender melhor o universo das rezadeiras do qual tenho uma relação desde a infância em que meus pais e tios me levavam para ser benzida, rezada por estas mulheres.

Para Loyola (1993) as mulheres que desenvolvem e praticam o ofício da benzedura são:

[...] marcadas por sua religiosidade e prática de cura, de caráter mágico, místico, religioso. Sempre falarão das enfermidades como fruto destes elementos, entendendo o adoecimento para além das explicações meramente biológicas, mas aliando elementos simbólicos e imaginários passíveis de cura pela reza e por técnicas de tratamento empregadas por especialistas da medicina e da religião, não sendo, no entanto, reconhecidas pelos órgãos oficiais de ambas, e sim por suas comunidades e pacientes.

Mulheres na sua maioria, sensíveis aos problemas de suas comunidades, que fazem mais que rezar, representam muitas vezes a única alternativa que algumas pessoas têm de serem ouvidas em suas dores físicas e espirituais. No dizer de Cunha e Assunção (2017) compreender esse saber:

[...] permite situar a cura e o ofício das benzedadeiras a partir da perspectiva destas como “agentes” de fato do processo de cura, e não apenas como “a mão que segura o ramo”, como um passe simples ou a declamação de uma oração. As benzedadeiras não são apenas intermediárias para a cura. Ritualisticamente, durante o benzimento, envolvem sua própria energia e poesia em um complexo processo de cura vivenciado junto ao seu grupo social, o que envolve as memórias deste. A força mágica, ritualística e social é a da voz. Como tradutoras, nomeiam a doença e os males de sua comunidade, na medida em que dialogam o mundo das memórias e tradições com os aspectos da contemporaneidade, marcando sua resistência e sobrevivência em contradição com a aparente invisibilidade que as cercam.

É na perspectiva de perceber esta prática enquanto contexto histórico e cultural do povo do lugar e dá a essas mulheres vozes para a transmissão de saberes da tradição que esta pesquisa vem se pautando.

3 METODOLOGIA

3.1 Área de estudo

Com uma área de 56. 469, 744 Km², o estado da Paraíba possui 223 municípios distribuídos em quatro mesorregiões e 23 microrregiões, marcadas por variações de relevo, clima e fitogeografias distintas (IBGE, 2015, *online*; SUDEMA, 2004).

A formação étnica do povo paraibano é fruto de uma forte miscigenação entre o branco europeu, indígenas locais e negros africanos, em conformidade com o que apresenta a etnia do povo brasileiro (OLIVEIRA; TROVÃO, 2009). A Paraíba ocupa o 3º lugar no ranking dos estados com maior porcentagem de católicos, com 80,25%, expressão religiosa mais difundida no estado (NERI, 2011, *online*).

3.2 Tipo de pesquisa

A presente pesquisa é de cunho qualitativo evidenciando valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões (MINAYO; SANCHES, 1993), ainda se apresenta como um estudo exploratório, descritivo, de caráter transversal. Por propiciar maior familiaridade com o problema, descrever características de um determinado grupo da população ou fenômeno e permitir associações entre variáveis em determinado recorte temporal para os atores sociais pesquisados (GIL, 2008).

A busca pelo contato das especialistas deu-se primeiramente pelas associações de bairro e clubes de mães, organizações das comunidades locais, que indicaram rezadeiras da comunidade. Inicialmente, utilizou-se a técnica de entrevistas livres e abertas favorecendo o diálogo espontâneo entre entrevistador e entrevistados (MOURÃO; NORDI, 2006; ALBUQUERQUE; SILVA, 2004). Até o momento foram entrevistadas 22 mulheres, contudo neste trabalho são apresentados diálogos de cinco

benzedoras. A escolha das cinco informantes utilizou como critério principal o maior tempo de exercício do ofício, todas acima de 20 anos, além da maior fluência que as mesmas apresentaram nos diálogos abertos. As falas iniciais reportam um pouco para a história de vida dessas mulheres, três dentre as cinco rezadeiras deste recorte amostral, vivem na zona rural de seus municípios e exercem entre outras funções, a lida com a terra, auxiliando seus companheiros no plantio de subsistência.

Em um segundo momento, procedeu-se a aplicação de questionários semiestruturados com questões abertas, possibilitando ao entrevistador maior liberdade na condução da pesquisa (ALBUQUERQUE; LUCENA; CUNHA, 2010); os questionários apresentavam como aspectos relevantes a serem levantados: identificação do entrevistado (nome, idade, naturalidade), tempo de prática do ofício de rezadora/benedora e plantas usadas nas rezas. As entrevistas ora apresentadas representam o recorte temporal entre os anos de 2002 e 2008, embora a coleta de dados continue até os dias atuais, este recorte temporal traz registros etnográficos revelados por estas mulheres que através de suas narrativas tornam-se guardiãs dessa memória. Saberes e práticas das rezadeiras foram registradas durante os diálogos com as mesmas.

A pesquisa envolveu mulheres rezadeiras que vivem em zonas urbanas ou rurais dos municípios analisados: Campina Grande, localizado no agreste paraibano, região de transição entre o litoral e o sertão, este mais para o interior do estado; Areia, município do Brejo e Boa Ventura, município do sertão da Paraíba. A escolha dos municípios se deu pelo fato destes serem representativos das mesorregiões do estado, em que se constata expressões culturais constantes de rezadores em seus ambientes, com populações tradicionais.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

4.1 A fala das rezadeiras: suas memórias

Os textos abaixo trazem os relatos de cinco rezadeiras/benedoras entrevistadas. Estas mulheres, consideradas especialistas em suas localidades,

revelaram em suas falas suas vivências no ofício, suas representações e práticas e suas relações com o sagrado e a fé. Percebe-se na fala das rezadeiras o quanto elas se sentem tocadas por um dom que as habilita a exercer este ofício, é como um chamado. Elas se percebem escolhidas para trazer as pessoas a cura de seus males físicos e espirituais.

Inácia, 72 anos (2002), Campina Grande-PB, rezadeira há 34 anos

As plantas que Dona Inácia mais utiliza em seus rituais de rezas são: o pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia* L.), manjeriço (*Ocimum basilicum* L.), arruda (*Ruta graveolens* L.) e vassourinha de botão (*Borreria verticillata* L.) G. Mey.

Ao ser indagada sobre as orações que costuma realizar durante suas rezas e rituais, a rezadeira revela que reza para tirar “mau olhado”, dores em geral, “espinhela caída”, “peito aberto”, “derrubar cobra de telhado”, “estancar sangue” “apagar fogo em pasto” e “eczema”. E conta que as orações lhe foram repassadas pelo pai. Dona Inácia afirma que:

“... A oração de São Manso Amansador só pode ser ensinada de um homem para uma mulher, de mulher para mulher enfraquece a reza”.

“Mulher ensina a homem”; “Homem ensina a mulher”.

As revelações apresentadas aqui por Dona Inácia corroboram aquelas encontradas em Santos (2007), quando de um estudo sobre rezadeiras, suas práticas terapêuticas e crenças, em Cruzeta-RN, o autor afirma ter ouvido de algumas rezadeiras que as rezas de cura só podem ser transmitidas entre pessoas de sexos opostos. Um rezador só pode ensinar suas rezas para uma mulher e uma rezadeira só poderia ensiná-las a um homem. Do contrário, o transmissor das rezas perde os poderes de curar para o receptor (CUNHA; ASSUNÇÃO, 2017).

Ao analisar a fala destes atores sociais percebe-se como os mesmos lidam com seus valores, suas expressões culturais e suas simbologias ao repassar seus saberes, primeiro por meio da oralidade, destacada em todas as falas das especialistas aqui entrevistadas e depois pela carga simbólica associada à transmissão destes saberes e pelo significado que os mesmos representam no universo do rezador, do benzedor, (SÁ XAVIER, 2004). Sobre a oralidade Cunha e Assunção (2017) afirmam que está na *“vocalidade, na palavra falada e performatizada, apreendida no cotidiano em que o dom e saber se aliam no cotidiano do ofício, a resposta para compreender o saber da cura”*.

Ao falar sobre as plantas que utiliza em seus rituais de rezas e benzeduras Dona Inácia afirma que:

“O pinhão-roxo é planta forte, tira tudo, a planta é quem recebe todo o mau, absorve a energia negativa, afasta o mau. Padre Cícero só rezava com esta planta”

Das rezadeiras aqui entrevistadas, a maioria faz uso do pinhão roxo. Sobre essa planta Oliveira; Trovão (2009) destacam que é uma das mais citadas entre os rezadores, nos rituais de benzeção, sendo utilizada para curar o “mau olhado” ou o “quebranto”.

Ainda com relação à Dona Inácia registrou-se a sua fala que remete ao Frei Damião, afirmando que o Frei não levava crença em rezas, pois dizia que:

“... as benzedadeiras só pegavam para rezar plantas que murchavam rapidamente, para que as pessoas acreditassem que elas tinham olhado e perguntava porque estes rezadores não rezavam com galhos de oiticica que não murchava rápido”. “Aí eu dizia a ele que a benzedeira percebe o olhado quando erra na reza e não quando a planta murcha”

Estudos realizados com rezadores no Piauí, Nordeste do Brasil, relatam a perda do viço, da pujança da planta durante a reza. Os ramos utilizados normalmente murcham após a reza. O ramo murcha mais rápido após o ritual da reza, o ramo só

murcha mais rápido se o problema da pessoa for realmente o quebrante, (MEDEIROS *et al.*, 2011; SILVEIRA; ALBUQUERQUE, 2015).

Dona Maria, 55 anos (2003), Campina Grande-PB, é rezadeira há 25 anos.

As plantas que Dona Maria mais utiliza em seus rituais de rezas são: o pinhão roxo e arruda, tanto o pinhão roxo quanto a arruda são plantas que ajudam a retirar coisas ruins, pois possuem o poder de atraí-las (MARTINS; JOSEFINA, 2015, *online*; SANTOS, 2007). Esta rezadeira tem um significado para a presença de algumas plantas em seu espaço de cura:

“Eu sempre tenho em casa arruda e pinhão-roxo dentro de um copo com água junto aos meus santos, para afastar o mau olhado. Se alguém entrar em minha casa com intensão ruim, logo a arruda murcha e o pinhão-roxo seca, essas plantas tem muito poder”

O relato de Dona Maria é corroborado com registros apresentados por Santos (2007) ao caracterizar o espaço de cura como espaço terapêutico-religioso. Adornos, imagens de santos, altares, bonecas pretas, bíblia sagrada, rosários, flores de plásticos, velas brancas, peças de roupas para serem rezadas, ramos de pinhão roxo, televisão, entre outros, estão dispostos abertamente e convivem lado a lado nas residências ou nos “espaços terapêutico-religiosos (COSTA, 2012).

Dona Maria, 42 anos (2003), Areia-PB, é rezadeira há 20 anos.

Dona Maria apresenta uma particularidade em relação ao comumente observado entre as rezadeiras: O fato de ter iniciado o ofício da reza com uma idade considerada jovem para a prática, 22 anos. Sobre esta particularidade, Farinha (2012) registra que ao iniciar seu ofício quando jovem, a rezadeira enfrenta questionamentos quanto à validade de suas orações.

Quanto às plantas mais utilizadas, Dona Maria disse fazer uso de: arruda, pinhão-roxo e vassourinha de botão. Como constatado por Oliveira e Trovão (2009), a vassourinha de botão é indicada para rezas contra o mal olhado e espinhela caída. Ao ser indagada sobre o papel das plantas no ritual da reza, assim falou Dona Maria de Souza:

“As plantas curam as doenças com o seu poder”

Tal afirmação é corroborada por Oliveira e Trovão (2009) no trabalho com rezadores, em que se observa como forma de uso terapêutico a utilização da planta como um instrumento usado no gestual da reza e da benzedura. Alguns dos especialistas entrevistados, todavia, afirmam que uma determinada planta é usada para um determinado mal específico.

As “plantas são poderosas, possuem o poder de proteger, atrair sorte, felicidade, afastar inveja e curar males do corpo e da alma” fala de uma rezadeira/curandeira da região Amazônica (SILVEIRA; ALBUQUERQUE, 2015).

Dona Maria, 74 anos – *In memoriam* (2006), Boa Ventura-PB, é rezadeira há 54 anos.

As plantas mais utilizadas por Dona Maria, são: Mamona (*Ricinus communis* L.) e Mussambê (*Cleome spinosa* Jacq.), utilizada para curar cobreiro e mau olhado ou quebranto, (NERY, 2006; OLIVEIRA; TROVÃO, 2009).

No tocante à presença da religiosidade no ritual da reza, assim se expressou a rezadeira:

“Quem opera junto com o rezador é a Santíssima Trindade”

A Santíssima Trindade é presença recorrente no universo das rezadeiras. Existe uma reincidência do número três no ritual de cura, de acordo com algumas rezadeiras, este fato está ligado às três pessoas que compõem a Santíssima Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo, (SANTOS, 2007). Rezadeiras da região do Seridó do Rio Grande do

Norte, Nordeste do Brasil, reportam que em suas sessões de cura, sempre invocavam a Santíssima Trindade para que suas orações fossem mais fortes (SILVA, 2002).

Além da citação direta a Santíssima Trindade, também há a presença do número três. Quintana (1999), afirma que ainda que a referência à Santíssima Trindade não seja uma constante nas rezas por ele observadas, o número três sempre o foi.

Outra frase dita pela rezadeira foi:

“O mau olhado é uma admiração por parte de uma pessoa que tem sangue ruim”

Nesse contexto, Santos (2010) traz uma conexão entre o número três, a Trindade Santa e o mau olhado: O número três representa, no plano simbólico, a Santíssima Trindade. Ela também está presente na abertura do ritual, momento no qual o rezador invoca: com dois te botaram, com três Jesus Cristo tira. Neste caso, dois indica os olhos que provocaram o olhado, enquanto três reforça a ideia da Trindade Santa.

Além disso, o mau olhado é uma das principais doenças tratadas pelas rezadeiras e somente por intermédio delas pode ser curado. Assim como verificado por Santos (2009), que de acordo com a concepção de saúde e doença das rezadeiras, o olhado só é curado através de rezas, portanto, enfatizam que o médico não soluciona esse mal.

O mau olhado pode ser definido como proveniente de um fascínio (admiração) que uma determinada pessoa tem sobre qualquer aspecto do ser humano: beleza, forma física, inteligência, etc., ou em qualquer outro aspecto, seja físico ou espiritual, tanto em seres humanos como animais (SANTOS, 2009).

Mais uma frase mencionada por Maria foi:

“Para cortar sangramento, toma sangue da palavra”

O “sangue da palavra”, na frase acima, alude a um tipo de oração cuja finalidade seria estancar uma hemorragia. Em seu trabalho sobre os modos interpretativos da doença e da cura de uma benzedeira especificamente, Araújo (2011) ouviu, com a finalidade de parar uma hemorragia, a seguinte oração:

“No altar de Virgem Maria tinha três virgens

Uma dizia: Eu vi

Outra dizia: Eu não vi

E a outra disse: Eu estanquei

(Repetir três vezes) ”

Dona Maria, 74 anos (2008), Areia-PB, é rezadeira há 52 anos.

As plantas que Dona Maria mais utiliza em seus rituais de rezas são: pinhão roxo, manjeriço e sálvia (*Salvia officinalis* L.). Segundo Oliveira; Trovão (2009), o manjeriço foi citado para uso em rezas contra mau olhado e espinhela caída; e a sálvia, para dores em geral. Sobre o papel das plantas no processo de cura, a rezadeira afirmou:

“A planta tem sua função, mas é a reza que cura”

A frase de Dona Maria corrobora o que foi constatado por Santos (2007) ao ouvir de uma rezadeira que planta nenhuma tira doença. Sob essa perspectiva, a planta tem papel apenas simbólico no ritual, atuando somente como acessório ao poder da reza (MARTINS; JOSEFINA, 2015, *online*). Disse também a rezadeira:

“A noite não se faz coleta, a planta se esconde”

O universo das rezas é repleto de normas. Cada reza possui um horário específico para ser realizada, mas o ritual nunca deve ocorrer antes das 6h e depois das 18h. Essa afirmação nos remete ao motivo de a coleta da planta não ser realizada

durante a noite, visto que, em sua maioria, as rezadeiras não realizam benzeduras no turno da noite (SANTOS, 2010).

O universo das rezadeiras é rico em simbologias e ritos culturais arraigados, suas falas perpassaram o tempo e revelaram em gestos e súplicas a importância do ofício de rezadeira para a história e expressão cultural do povo brasileiro. Falar de benzeduras/rezadeiras é se debruçar pelos saberes da tradição, pela cultura imaterial que vive e é atual em comunidades por todo o país.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estado da Paraíba, as rezadeiras/benedeiras estão presentes tanto no interior quanto nos grandes centros, e apesar de sua prática ter sofrido algumas ressignificações ao longo do tempo, em sua essência, preserva os aspectos que configuram como de grande relevância para nossa sociedade.

O pinhão roxo e a arruda são as plantas mais citadas nos rituais de rezas pelas entrevistadas, mesmo habitando mesorregiões diferentes do estado paraibano estas plantas são referidas para cura do mau olhado.

As rezadeiras atribuem às plantas o poder de cura, quando associadas às rezas.

Destaca-se aqui a riqueza de significações atribuídas a prática das rezadeiras: a simbologia do ritual; a transmissão de saberes; o papel das plantas utilizadas; o nome atribuído às doenças (espinhela caída, quebranto, carne triada); a particularidade quanto ao horário para realização das rezas; a relação entre idade e confiabilidade; a presença constante da religiosidade e os diferentes tipos de rezas indicadas as enfermidades.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P.; SILVA, V. A. Técnicas para análise de dados etnobotânicos. *In*: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. (Org). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: Livro Rápido/NUPEEA, 2004.

ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L.V.F.C. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: NUPEEA, 2010.

ARAÚJO, F. L. Representações de doença e cura no contexto da prática popular da medicina: estudo de caso sobre uma benzedeira. **Caos – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, v. 18, p. 81-97, 2011.

CASCUDO, L. C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10. ed. São Paulo: Global, 2001.

COSTA, K. F. **Em busca do fio de Ariadne**: as rezadeiras no labirinto histórico da modernidade - uma crítica às teorias do desencantamento do mundo (Alagoa Nova - PB: 1980 a 2012). Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012.

CUNHA, L. A.; ASSUNÇÃO, L. C. Abençoada cura: poética da voz e saberes de benzedeiras. **Revista Brasileira de História das Religiões**. v. 9, n. 27, p. 189-227, 2017.

DEL PRIORE, M. Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino. *In*: DEL PRIORE, M. (Org). **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

FARINHA, A. C. **As transformações da prática de benzimento em Anápolis (1979-2004)**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estados**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2faUCMi>. Acesso em: 06 maio 2019.

LOYOLA, M. A. **Médicos e curandeiros**: conflito social e saúde. São Paulo: Difel, 1983.

MARTINS, C. K.; JOSEFINA, A. **O que cura**: o benzimento ou o uso das ervas medicinais. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2l3Y7H9>. Acesso em: 22 abr. 2019.

MEDEIROS, L. C. M. *et al.* As práticas populares de cura utilizadas por rezadores no povoado Brejinho, município de Luiz Correia - PI. **Escola Anna Nery**. v. 11, n. 1, p. 112-117, 2007.

MELLO, C. A. A. Percepção, intervenção e cura: sobre modos somáticos de atenção e a prática da benzedura. **Ciências Sociais e Religião**, v. 18, p. 57-75, 2013.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Caderno de Saúde Pública**, v. 9, n. 3, p. 239-262, 1993.

MOURÃO, J. S.; NORDI, N. Pescadores, peixes, espaço e tempo: uma abordagem Etnoecológica. **Interciência**, v. 31, p. 358-363, 2006.

NERI, M. C. (Coord.). **Novo mapa das religiões**. Rio de Janeiro: CPS/FGV, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2mxwoPq>. Acesso em: 25 abr. 2019.

NERY, V. C. A. Rezas, crenças, simpatias e benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2006.

OLIVEIRA, E. R. **Doença, cura e benzedura**: um estudo do ofício de benzedeira em Campinas. 1993. 220f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1983.

OLIVEIRA, E. C. S.; TROVÃO, D. M. B. M. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. **Revista Brasileira de Biociências**. v. 7, n. 3, p. 245-251, 2009.

QUEIROZ, M. S. Curandeiros do mato, curandeiras da cidade e médicos: um estudo antropológico dos especialistas em tratamento de doenças na região de Iguape. **Ciência e Cultura**. v. 32, p. 31-47, 1980.

QUINTANA, A. M. **A Ciência da Benzedura**: mau olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise. São Paulo: EDUSC, 1999.

SANCHI, P. **Fiéis e Cidadãos**: percursos de sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

SILVA, M. C.; FARINHA, A. C. As benzedeadas e a renovação carismática católica: o surgimento da benzedeadada renovada. **Revista Brasileira de História das Religiões**. v. 5, n. 13, 2012.

SILVA, M. R. M. Rezar, curar: um caso de persistência cultural no Seridó. **MNEME Revista de Humanidades**, v. 3, n. 5, 2002.

SILVEIRA, D. D. S.; ALBUQUERQUE, M. B. B. Práticas de cura, magia, educação e saberes sobre plantas poderosas na Amazônia. **Revista COCAR**, v. 9, n. 18, p. 255-284, 2015.

SANTOS, D. L. **Nas encruzilhadas da cura**: crenças, saberes e diferentes práticas curativas, Santo Antônio de Jesus Recôncavo Sul – Bahia (1940-1980). 2005. 230 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

SANTOS, F. V. **O Ofício das Rezadeiras**: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta/RN. 2007. 196 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

SANTOS, F. V. O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar. **Revista CPC**, v. 8, p. 6-35, 2009.

SANTOS, M. F. J. Antes do pôr do sol: mística nas Rezadeiras de Itabaiana. **Caminhos**, v. 8, n. 2, p. 79-91, jul/dez. 2010.

SÁ XAVIER, M. A. **Estudo das representações simbólicas de saúde/doença/cura na comunidade do Saco do Mamanguá, Paraty, RJ**. 2004. 181 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, 2004.

Agradecimentos: Os autores gostariam de expressar seus mais sinceros e cordiais agradecimentos a todas as rezadeiras/benedeiras que nos transmitiram seus saberes e tradições por meios dos diálogos e assim nos permitiram conhecer um pouco deste rico legado cultural.